

# Entrevistas com Hélio Couto

Volume 5

**Dinheiro**

*e-book*

Osho  
Hélio Couto  
Canalização



“DINHEIRO”

**Entrevista Canalizada: Professor Hélio Couto e Osho**

**Entrevistadora: Dra. Mabel Cristina Dias**

**Mabel:** Vamos dar seguimento à série **Entrevistas com Hélio Couto**, falando hoje sobre o tema “dinheiro”. Professor Hélio Couto, dinheiro “cai do céu”?

**Prof. Hélio:** Sim, literalmente, dinheiro cai do céu. Por quê? Porque o dinheiro é criado pela mente humana. Ele vem, como tudo mais, do Vácuo Quântico, isto é, das oportunidades que surgem na vida. Se a pessoa não criar nenhum impedimento, o dinheiro virá natural e facilmente até ela. E o que pode constituir um impedimento? Quando existe algum conflito interno entre ganhar dinheiro ou não ganhar, ou ainda algo espiritualmente ruim, como antigas crenças de que “dinheiro é sujo”, “ganhar dinheiro é pecado”, “o rico não vai para o reino dos céus” etc. Quem tem alguma dessas questões em aberto não ganha dinheiro, porque ele é fruto do que pensamos, do que criamos, do que sentimos. Portanto, qualquer conflito de sentimento e pensamento em relação a dinheiro paralisa todo o processo. É muito comum, nos atendimentos, ouvir pessoas dizerem: “Eu quero ganhar, mas não muito, só um pouco. Não quero ficar milionário”. Quem diz isso demonstra ter um conflito interno, filosófico

com relação a dinheiro. A mínima rejeição afasta qualquer possibilidade de que o dinheiro chegue. É preciso verificar, bem lá no fundo do coração, o que a pessoa sente, se gosta de dinheiro ou não. Em nossa sociedade ou em qualquer outra parte do mundo, soa mal dizer “eu gosto de dinheiro”, não é mesmo? Criou-se uma divisão total e antagônica, uma separação tão grande entre o chamado “mundo material” e o “mundo espiritual”, entre religiosidade ou a espiritualidade e a matéria, que não existe possibilidade de unificação. Quando se fala que a pessoa precisa gostar de dinheiro para ele vir a ela, a reação em geral é criar instantaneamente uma barreira, impedindo de acontecer à chegada do dinheiro. Julgar que ter dinheiro é contra a espiritualidade, é contra a união com Deus e impede totalmente de ter dinheiro, pois tudo o que a pessoa rejeita acontece, porque nós somos co-criadores. A pessoa co-cria, o tempo inteiro, tudo o que ela pensa e sente. Qualquer dúvida sobre ganhar dinheiro afasta o dinheiro da pessoa.

**Mabel:** O dinheiro pode ser considerado espiritual?

**Prof. Hélio:** Exatamente. O dinheiro como tudo o que existe no Universo inteiro é puramente espiritual, e isso inclui o dinheiro. Não há diferença nenhuma entre esta dimensão e as próximas. O que diferencia umas das outras? Seria algum tipo de substância diferente, como água e vinho que, quando colocados no mesmo copo, não se misturam? Nada disso. Trata-se de uma frequência, em *hertz*, “de tanto a tanto”. Este mundo “material”, digamos, tem determinadas frequências de vibração atômica e eletrônica. A dimensão seguinte constitui outro tipo de frequência, outra velocidade e outro tipo, outra distância atômica entre o núcleo e os elétrons. O “outro lado” é mais espaçado e mais “sutil”, como se diz. A sutileza aumenta à medida que as dimensões vão “ascendendo, subindo” – uma forma figurada de explicar o fenômeno. Na prática, não há diferença nenhuma entre as dimensões. Não há mudança “da água para o vinho”, mas sim frequências diferentes. É como girar o botão de um antigo aparelho de rádio e ir mudando as estações: cada uma tem frequência definida e um universo totalmente particular: o *daquela* determinada rádio. Ao mudar de estação, só dá para escutar a última, e não mais a anterior. A diferença entre uma estação e outra é a torre que faz a emissão, seja em AM, seja em FM. Um exemplo: o universo de uma rádio que só transmite notícias constitui o “universo notícia”. O de uma rádio que só toca músicas pode se subdividir em música norte-americana, exclusivamente, ou só música popular brasileira. Nesse exemplo, portanto, trata-se de três universos diferentes. Um aparelho do tipo que só sintoniza determinada estação, como aqueles distribuídos aos moradores do Vietnã na época da guerra, só pegava, se eu não me engano, a “Voz da América” – não tinha *dial*, não tinha seleção de frequência de rádio, só uma estação. Ao ligar e desligar o rádio, sempre a mesma estação era transmitida. Para aquelas pessoas do Vietnã que sintonizavam apenas uma faixa de rádio, só existia uma estação no mundo. Se alguém comentasse: “Olha, existe uma rádio em que se fala em francês”, com certeza eles iam replicar: “Você está louco; isso não existe. Rádio é só em inglês!”. Como esse tipo de coisa não é explicado, as pessoas pensam que há uma diferença enorme, brutal, entre as dimensões. O “mundo espiritual”, como dizem, e o “mundo material”. Não existe isso, é só uma questão de frequência. E como é frequência, você pode viajar pelas dimensões ao nosso bel-prazer, sabendo sintonizar cada rádio aonde se queira ir. Portanto, não tem problema nenhum essa questão: ou o dinheiro é espiritual ou não é espiritual. Mas tudo é espiritual; tudo é uma essência só. Tudo o que existe é uma única onda, em última instância – claro que essa onda vibra em determinadas, diferentes, frequências, não? Tudo não é uma onda eletrônica? Nas rádios “A”, “B”, “C”, “D”, nas emissoras de televisão - *n* delas - e em muitas coisas mais, como no espectro eletromagnético, tudo não é uma onda eletrônica? É. E o que varia? A frequência com que essa onda vibra, cada estação de rádio com sua frequência específica. Resumindo: é só uma questão de frequência, mas tudo é onda. Todas as dimensões que existem, tudo

o que existe, é uma onda só. No “frigor dos ovos”, lá atrás, além de tudo, é uma única onda que existe; só que essa onda permite infinitas possibilidades de frequência.

**Mabel:** Quais são as principais crenças limitantes em relação a dinheiro e a origem dessas crenças?

**Prof. Hélio:** As principais limitações são as crenças, digamos, religiosas. Tem as raciais: “Pobre da etnia “X” nasce pobre e morre pobre”, e assim por diante; já se classifica e se determina que a pessoa da raça “X”, da cor “tal”, é incapaz, não tem inteligência, não progride, não ganha dinheiro e etc. Tem de se colocar no seu lugar. Hoje em dia, o problema maior é o religioso, da concepção religiosa. Religião não tem nada a ver com espiritualidade – são duas coisas totalmente distintas. A religião é criação dos homens, ser humano. Suponha que apareça alguém com uma mensagem “X” para dado grupo -- ou às vezes nem traz mensagem nenhuma. Por desconhecimento ou por questões culturais, julgam que aquele ser que fala é um deus e criam uma religião em torno dele, com rituais e toda a parafernália litúrgica que envolverá o tal indivíduo. Na última entrevista e na palestra (*Allan Kardec*) comentamos sobre algumas ilhas do Pacífico Sul que adoram o deus Frum. Frum era um militar norte-americano da Marinha que chegou ali de navio na Segunda Guerra Mundial. Para os nativos daquelas ilhas, os navios da Marinha e outros artefatos militares tinham poder astronomicamente maior do que aquele que conheciam como sua realidade, por isso escolherem como deus deles um norte-americano chamado Frum chegado em um navio, e agora existe o deus Frum. Em outra ilha, um antropólogo foi fazer um estudo com os nativos. Um dia ele passou um filme do Rambo para os locais, e agora existe também o deus Rambo... O antropólogo não imaginava que ia acontecer uma coisa dessas; ele ficou perplexo. Mas o mesmo aconteceu com *Star Wars*, de George Lucas. Ele não pretendia criar nenhuma religião, mas, se não me engano, na Austrália, em um dos últimos censos, setenta mil australianos se declararam da religião Jedi! E mais, quando foi passada a Segunda Trilogia em São Paulo, na Praça da Sé, dois atores foram vestidos de Jedi. Fizeram um discurso, arrecadaram um monte de dinheiro e, se eles quisessem, já teriam organizado mais uma religião Jedi em São Paulo, na Praça da Sé... Portanto, há mil, dois mil, cinco mil, dez mil, cem mil anos, tanto quanto hoje, a coisa mais fácil é criar uma religião; é ridiculamente fácil; basta alguém se arvorar de ter uma mensagem e pronto! Ah, e precisa ter um livro, porque é preciso haver algum texto escrito, certo? A mensagem vai passada de geração em geração e “tal”. Então, é só aparecer alguém com um livro e diz: “Está aqui, escrito”, ou se traz um filme do Rambo - agora está em DVD, mídia mais moderna. Vejam que é uma questão puramente de consciência. Que contato um grupo de nativos, em uma ilha perdida no meio do Pacífico Sul, tem com o mundo exterior? Do dia para a noite, chegam diversos barcos de guerra da Marinha norte-americana, com toda aquela

parafernália; o que esses nativos pensam sobre um ser (ou seres) com tal poder? Provavelmente, no caso, esse tal Frum deve ter tido mais interação com os nativos; porque desceram, é como se descesse uma nave na Praça da Sé, descem vários seres, mas um vai ser o interlocutor, vai ser o embaixador. “Eu sou o ‘fulano de tal’ e vim aqui conversar com vocês.” Provavelmente, o Frum foi o encarregado de relações públicas para conversar com os nativos e falar, “Olha, nós vamos precisar da sua ilha”. Como ele foi o interlocutor, ele está nomeado “o deus”.

É preciso separar o joio do trigo. Deuses há muitos; e agora pode somar: tem Rambo, tem Frum, e assim por diante. E o Jedi, claro, o Yoda. Dá para criar  $n$  deuses e  $n$  religiões em cima deles ou em volta deles. É preciso separar o que é a Divindade, “O Deus”, com letra maiúscula; porque esses deuses são com letra minúscula, com  $d$ . Se as pessoas parassem para analisar isso, parassem para questionar, isso já teria sido resolvido, há muito tempo. Todas as guerras religiosas nesse planeta advêm disso, porque são deuses com  $d$  minúsculo; é deus daqui, deus dali, existem  $n$ , cada um mais ansioso dos seus domínios e seus territórios, todos eles muito ciumentos e vingativos. O que importa para esses deuses? Poder. Você pode perceber que toda dialética, toda mensagem que passam é em cima de poder de obediência irrestrita, isto é: “Se não fizer o que eu estou mandando, vai ter consequências. Daí eu faço e desfaço” e, em termos eternos, porque, como sabe, afinal é um deus. Não tem limite de tempo, de espaço, de nada. Imagine se o Frum chegasse lá e falasse: “Bom, pessoal, aqui a lei é essa agora”. Todo mundo vai responder: “Sim, sim, sim”. “Quem não me obedecer, eu vou mandar uma bomba atômica aqui para pulverizar essa ilha.” Sabia que algumas ilhas do Pacífico desapareceram nos testes atômicos em 1950, na década de 1960? A ilha, a terra, desapareceu; agora só tem água, porque a ilha está abaixo da água. A parte superior ao oceano simplesmente se pulverizou. Bastava o deus dizer: “Eu vou jogar umas bombas aqui, se ninguém me obedecer”. É a mesmíssima conversa, percebe? Está tudo escrito: “Se não fizer ‘assim’, vai ter ‘isso, isso, isso’, peste, calamidade, doença, morte etc.”. Quem não tem conhecimento, como vai resistir a esse tipo de oratória, a esse tipo de argumentação? As pessoas passam a seguir essas coisas cegamente por medo, sem questionar – uma coisa fundamental. Veja só, estamos falando de dinheiro e olha por onde a conversa está indo; mas quem não entender isso, não ganhará dinheiro.

Ou se tem o bem, coisas boas – alegria, felicidade, crescimento, prosperidade, saúde etc., ou se tem o mal – pobreza, doença, morte, calamidade, miséria, desemprego etc. As coisas são bem delimitadas. *OK*. Como é que se vai checar se um deus é minúsculo, com  $d$  minúsculo, ou “O Deus”, maiúsculo? É fácil. Pelo resultado, é óbvio. O deus com  $d$  minúsculo mandou você fazer “tal” coisa, e você faz exatamente do jeito que ele quer; dá resultado? Você faz com o “D” maiúsculo, O Deus, dá resultado? É só checar isso. Mas, a primeira coisa que ensinam os religiosos é: “Não pode

questionar”; é o primeiro mandamento: “Não questionar, em hipótese alguma, o que está escrito”, porque, é lógico, se questionar, a verdade vem à tona. A primeira coisa é “Não questionar”. Acabou; se não pode questionar, vai ter de aceitar aquilo literalmente. Aí, fim. Seria muito simples se as pessoas pensassem, raciocinassem e questionassem: “Qual o resultado que dá esse tipo de crença, esse tipo de deus?”. Num instante se descobriria se é uma coisa boa ou não é uma coisa boa. Por quê? Por exemplo, o que esses deuses com *d* minúsculo querem? Submissão total pelo medo, porque, se você não obedecer, vai ter sofrimento. As pessoas obedecem por medo. Quando você tem medo, para onde vão seus neurotransmissores, sua endorfina? Passa a ter neuroses, somatizações, doenças e desemprego etc. É simples; não tem nem de raciocinar, e só observar: se eu sigo “tal” crença com medo, eu só terei resultados negativos; se eu sigo com alegria, eu só terei resultados positivos. É simples demais, não é? Você pergunta, de um lado, o que seria a Divindade? Alguém que é puro amor. Esse ser ama, ama, ama e ama, eternamente; não sabe fazer outra coisa, porque a essência dele é o amor; não consegue fazer mais nada diferente disso. Não pune, não castiga, não manda doença, não manda desemprego, não manda miséria. Não manda nada. Só promove o bem, a alegria, a felicidade, a prosperidade etc. Caso a pessoa não esteja obtendo resultados, é o óbvio que está seguindo um deus com *d* minúsculo. Essa é a questão fundamental por trás não só do dinheiro, mas de tudo: a saúde e todas as atividades humanas. Mas a questão do dinheiro, que é o nosso assunto hoje, é fatal, porque toda pessoa que tem a mínima dúvida sobre “Devo ganhar dinheiro ou não?”, se é bom ou ruim, espiritual ou não espiritual, vai paralisar o ganho do dinheiro. Temos casos interessantes dos clientes, pessoas que não têm esse questionamento de jeito nenhum, nem pensam nisso; querem ganhar dinheiro, são focados em ganhar dinheiro, em resultados econômicos, financeiros etc.; e o que acontece com eles? Eles ganham dinheiro imediatamente e sempre; passa um ano, passam dois, passam três, e eles estão ganhando, e ganhando cada vez mais. Por quê? Porque não têm nenhum questionamento desse tipo. Acreditam 100% que vão ganhar, e eles ganham. Agora, para os demais que não pensam assim, é um problema.

**Mabel:** Nós estamos aqui falando de dificuldades financeiras oriundas de crenças de origens sociológicas, culturais, religiosas. Mas podemos ter dificuldades financeiras recorrentes, nesta vida, originadas nas vidas passadas?

**Prof. Hélio:** Com certeza absoluta.

**Mabel:** E como fazer para resolver isso, se isso é verdade?

**Prof. Hélio:** Exatamente como as dimensões da realidade, que são uma só, as vidas simultâneas que a pessoa tem estão todas unificadas no aqui e agora. Quando você olha para pessoa e analisa o comportamento e a vida inteira daquela pessoa, está vendo todas as vidas que ela já teve. Não precisam fazer uma regressão de vidas passadas e voltar uma, duas, dez, quarenta vidas. Claro, se quiser ver um evento específico que aconteceu trinta vidas atrás, *OK*; mas, para ver o todo daquela pessoa, olhe apenas a pessoa hoje. Está tudo ali, as questões, os problemas, as somatizações, tudo de bom, tudo de ruim. É o aqui e o agora daquela pessoa. Isso também é outra coisa bem óbvia, está ali, totalmente aparentemente. Se essa pessoa tem uma filosofia de vida, numa vida passada, contra o dinheiro ela já chega aqui separada, cindida. Se a pessoa “espiritualmente”, já tinha uma abordagem contra ganhar dinheiro, contra a prosperidade, ela vem trazendo isso vida após vida, e cada vida que ela tem se, ela, não mudar, chega aqui, novamente, com aquela crença contra o dinheiro, de rejeição ao dinheiro, mundo espiritual/mundo material. De novo cria o problema e novamente de afasta do dinheiro - reforço negativo. Cada vida que ela tem com os mesmos problemas, fica mais convencida ainda, e assim vai, em um círculo vicioso, até isso ser rompido de alguma forma. Se a própria pessoa não começar a questionar – que seria o método, digamos, normal, não é mesmo? De tanto errar, de tanta dor, a pessoa pararia para questionar: “Epa! Deve ter um problema comigo”. Depois de *n* vidas alguém de fora tem de ajudar esse sujeito correndo em círculos dentro de um buraco sem conseguir sair, puxando os próprios cabelos. É por isso que existem os avatares. É preciso chegar alguém de fora, pegar o sujeito e trazer para fora: “Pronto resolvido”. É por isso que vem um avatar e fala: “Gente, não é nada disso”. É “assim, assim, assim”, “dá um clique”, “desperta”!

Dá para resolver todas essas questões, no caso da Ressonância. A onda que entra atinge o todo da pessoa, isto é, todas as vidas passadas são atingidas pela onda da Ressonância que penetra no cérebro da pessoa, na sinapse, no microtúbulo. Ali estão todas as vidas da pessoa; é a pessoa inteira, aqui e agora. Quando se corrige essa consciência, se corrigiu todas as vidas passadas; está tudo resolvido. Mas, você sabe, a experiência mostra que a onda entra pelo microtúbulo e vem uma onda contrária, de uma energia escura, e faz “assim” (*se chocam*) e, como é um tubo, parou, não deixa a onda de luz dourada, que traz a informação, passar; vira uma batalha. É por isso que atrasa todo o processo. Caso contrário, em nanossegundos o cérebro inteirinho estaria inundado, os cem bilhões de neurônios, número, incalculável, de sinapses, tudo inundado de luz, trocando toda a informação, trocando o sistema de crenças, limpando tudo; imediatamente, segundos após, a pessoa começaria a ganhar dinheiro, no nosso caso de hoje; segundos após, começaria a ganhar dinheiro. Nós temos alguns casos que a pessoa tem um comércio e começa a entrar cliente, imediatamente; tocou o CD, começa a entrar cliente na loja, ou começa a vender, ou arruma emprego, no dia seguinte. Inúmeras dessas

situações. A maioria não é assim, porque a maioria trava; porque, quando a onda entra, ela toca em cada crença dessa e fala assim: “Isso é mentira; esse deus Frum não existe; isso é uma criação da sua mente. Joga isso fora. Tchau”; a pessoa diz: “Não, não, não; esse é o deus Frum. Eu não posso fazer isso. Se eu fizer, eu serei punido, serei castigado”. A batalha está feita, não é mesmo? Vem a outra energia (*e se choca*), está entrando energia de amor incondicional, tentando limpar, porque a energia que está entrando sabe que o problema daquela pessoa está naquela crença falsa, no deus Frum, Rambo, que é preciso abandonar completamente aquilo, mas a pessoa resiste. Quando falamos que é preciso tirar os tabus, preconceitos, zona de conforto, paradigma, pegar tudo isso e jogar tudo no lixo, para que possa entrar a verdade, a realidade última do Universo, para que a pessoa possa produzir os resultados, o processo é atrasado por causa dessas crenças, chamada “ego”. Porque seria muito simples; eu não sei por que a pessoa se apega tanto a uma crença dessas. Ela unificou tanto o ego com a crença no deus Rambo que é inacreditável. Se ela tivesse um mínimo de separação: “Eu sou eu e o deus Rambo está ‘aqui’; eu não sou o deus Rambo”. Se alguém diz: “Olha, não existe esse deus Rambo, hein?”, a pessoa não deveria ter nenhuma crise epilética ou de ódio contra aquele que está questionando o deus Rambo, porque ela deveria ter um distanciamento do ego dela: “Eu sou eu e ele é ele.” E o gozado que é isso que é divulgado no mundo inteiro até hoje; é divulgado que você está aqui e o deus está lá não se sabe onde, não é? Quando se divulga que tem uma Centelha Divina, que você está unificado com a Divindade, isso tem uma resistência feroz da humanidade; porque, se todo mundo tem a Centelha Divina, todos são irmãos ou, como dizem os físicos, no nível subquântico existe uma unidade fundamental, isto é, todos somos a mesma coisa, a mesma essência, a mesma onda. Existe uma resistência a esse conceito, não é? A essa explicação da Centelha, da unidade etc. Bom, se existe essa resistência toda, deveria ser normal que o nativo lá do Pacífico, falasse: “Bom, eu sou eu e o Rambo é o Rambo; não tem nenhum problema em se questionar o Rambo”; mas não é o que acontece. As pessoas agem como certos torcedores de times de futebol: quem fizer qualquer colocação contra o time dele, ele toma aquilo como ofensa pessoal. Você viu, há duas semanas, dois mortos, trezentas pessoas em um campo de batalha, torcedores de dois times. Qual a diferença entre esse fato e as guerras religiosas que “rolam” pelo nosso planeta? O futebol, hoje, é considerado e é tratado como se fosse uma religião. A mesma adoração que se tem pelo futebol é a que se tem pela religião. Por isso que tem torcedor que mata gente de outro time; é a mesma coisa que matar uma pessoa da outra religião. Por incrível que pareça, como eles acham que você está aqui e o deus está não sei aonde está ali; esse “tal” do Rambo devia estar não sei onde – qualquer colocação sobre ele não deveria gerar essa tremenda reação emocional. Mas você sabe que as pessoas matam umas à outras, que se questione que “tal”... – não precisa nem questionar que o deus Rambo não é deus. Basta alguém questionar: “O deus Rambo deveria atirar a flecha com outra



técnica; não é perfeita a técnica com que ele atirou a flecha”. Pronto, isso é considerado uma tremenda heresia, já digna de morte, porque o deus Rambo é perfeito, nada do que ele faz pode ser contestado. Ele pode fazer as maiores barbaridades que todo mundo copiará, cultuará e seguirá o deus Rambo. Se, por um acaso, esse culto se estendesse pelo planeta – por que não? -- está lá numa ilha perdida no Pacífico – ainda se fosse um lugar central no planeta, com muita gente em volta, e tivesse uns adeptos, com certeza, você pode crer, se venderia arco e flecha e aquele facão do Rambo, aos milhares e milhões, e todos os seguidores dele andariam daquele jeito, matando gente, igualzinho o Rambo faz nas telas, porque “É o deus”; parece brincadeira; quem está assistindo a esta entrevista deve achar engraçado esse tipo de colocação; mas é, literalmente, o que acontece no nosso planeta. É que não é pensado; não se para para analisar; a pessoa está tão envolvida naquela crença que ela não para para fazer uma análise e pensa “Epa!”. Mas isso é a mesma coisa que se faz; só trocou o nome, só trocou o ritual. Assim, o dinheiro, a prosperidade, sofrem.

**Mabel:** Nós sabemos que o que cria a nossa realidade é a alegria; sem ela, nós não criamos aquilo que desejamos. Em relação ao dinheiro, quando uma pessoa ou uma empresa estão zeradas, elas até acreditam que podem ganhar mais dinheiro, prosperar, porque elas estão zeradas, não têm nada que a prenda. Agora, como fazer, na prática, pessoas endividadas -- pessoas físicas ou empresas -- com profundas dívidas, como elas vão manter a alegria, se a realidade, a visão delas, é aquela, no momento? Dá uma prática, uma dica prática.

**Prof. Hélio:** Essa é a grande questão. Quando a pessoa está inserida numa realidade negativa, que ela criou, ela acredita que a única saída é por aqueles meios, aquele entorno, aquele sistema onde ela vive. Ela não consegue transcender que a saída está um nível acima. Ela tenta, pelos meios “normais”, pagar aquelas dívidas ou aumentar o faturamento, mas aquilo se “enrola” cada vez mais e... O que se fala, sempre, nesses casos? Da mesma forma – Joel Goldsmith falava – da mesma forma que a doença não existe, a dívida não existe; mas a pessoa vai pegar o extrato, lá, do cartão de crédito e vai falar “Eu devo ‘tanto’”, e não há saída, porque a pessoa está colapsando aquilo. Enquanto ela achar que tem dívida, ela terá dívida; ela tem de tirar o foco da dívida e colocar o foco no faturamento, em ganhar dinheiro; não pensar em dívida, pensar em ganhar dinheiro. É, completamente, o oposto. As pessoas pensam: “Eu tenho que pensar na dívida para pagar a dívida”; não, se pensar em dívida vai aumentar a dívida. Para pagar a dívida, tem de pensar em ganhar dinheiro; é o inverso. Os meios todos contribuirão para que aquilo seja solucionado. O “como” não importa; “Como eu vou pagar as dívidas?”, isso não importa; a pessoa não deve se preocupar com

isso; ela deve, só, ver o resultado final que ela deseja: a dívida paga ou, o que seria o melhor, prosperidade, ganhar dinheiro.

Voltamos, então, ao item inicial de hoje: a pessoa tem de pensar em ganhar dinheiro. Por que está com dívidas? É porque a visão de mundo que ela tem a filosofia de vida dela, por algum motivo, leva a criar esses problemas financeiros. Se tivesse foco no dinheiro, na prosperidade, e não visse diferença alguma entre lado espiritual, ou mundo espiritual, e mundo material, ou se crê que “o dinheiro é contra a espiritualidade”, ou “afasta da espiritualidade” ou “impede a espiritualidade” e coisas assim. Se ela não tivesse isso, ela teria focado corretamente que pode ter prosperidade contínua e abundante; nem pensaria nisto. Essa é outra questão: a pessoa próspera não pensa em prosperidade; ela *é* próspera; nem passa pela cabeça dela “Preciso ganhar dinheiro”, “Tenho que ganhar dinheiro”, “Necessito ganhar dinheiro”. Isso não passa pela cabeça das pessoas que ganham dinheiro; eles nem olham o saldo bancário. Entra, cada dia, entra mais dinheiro. É natural, eles *são* assim; *é* assim. Lembra, “Deus *é* amor”? O próspero *é* próspero. Ele nem se preocupa com essa questão “dinheiro”; isso, para ele, é um recurso, que ele usa para crescer mais ainda; ele não está nem um pouco preocupado com ganhar dinheiro. Outro dia, há uns meses atrás, em uma entrevista na CNN um empresário, um grande empresário brasileiro, é questionado: “Quanto você acha que terá daqui a dez anos?”. Ele falou “Ah, eu devo ter uns US\$ 100 bilhões”, segundo o andar normal das coisas; ele não está nem preocupado. E esses \$10 a mais, \$20 a mais, \$50 a mais, \$100, é irrelevante; isso não significa nada; são números, números; tem de ter um balanço, tem de ter, sabe?, uma contabilidade. Mas, na vida dessa pessoa, o que significa mais US\$1 bilhão, ou menos \$1, ou mais \$30, ou mais \$50? Não significa coisa nenhuma. Como ele é assim, o fato de pensar e trabalhar gera mais dinheiro; então ele trabalha mais, gera mais dinheiro e ele se diverte com isso. É assim e acabou. Está tudo certo. Agora, aquele que fica preocupado: “Eu tenho que ganhar para comer”, a situação é complicadíssima.

Você (*Mabel*) viu o *blog* que está “no ar”. Eu atendi um cliente no sábado, um casal de jovens, vinte e poucos anos; eles estão progredindo, sem parar; eles moram no fim da periferia, mas eles estão...; já trocaram de casa, agora eles revendem coisas, produzem coisas em casa e vendem, os dois; cada um tem um comércio diferente; estão fazendo isso metódica e sistematicamente, mês após mês, entra e sai. Eles já são clientes, eu acho, há mais de um ano, e nesse ano, eles progredem sem parar. Moram no final da periferia de São Paulo. O que está acontecendo esse mês? Eles vieram e falaram: “Você falou que a gente ia ter uns problemas com a família e o povo em volta de onde a gente morava, por causa que estamos trabalhando e ganhando um pouco mais de dinheiro”; ele falou: “Aconteceu

exatamente o que você disse”. Todo mundo, em volta, agora diz assim: “Dinheiro não é tudo, não”; essas foram às palavras deles. Entenderam? As pessoas que estão na mesma região, na mesma escassez de recursos, paupérrimos, falam: “Dinheiro não é tudo, não”, para criticar esse casal que está trabalhando e ganhando. Como as pessoas, em volta, veem os dois trabalhando – eles chegam, saem, saem, vendem, voltam –, viram que há um movimento, que ele não tá assistindo a nenhum jogo. Já começaram a criticar; toda a família já faz telefonemas dizendo: “Que coisa; que é isso? Que esse dois tem? Por que eles querem ganhar dinheiro? Dinheiro não é tudo, não.” Entendeu? Quando falamos: as pessoas que estão nessa situação, lá no final, eles gostam de dinheiro, se você for perguntar, todo mundo vai falar que gosta muito de dinheiro; mas, se você falar “Sábado, nós temos um trabalho para fazer para ganhar dinheiro”, “Ai, não dá; não dá porque tem um aniversário, tem ‘isso’, tem ‘aquilo’, tem jogo, tem quinhentas coisas”. É o que eles estão fazendo, esses parentes e amigos desse casal cliente; é o que eles estão fazendo; eles estão criticando, de todas as maneiras, o casal, porque o casal está trabalhando para ganhar dinheiro e para sair da situação em que eles estão, uma situação que, vocês imaginam, como é que é a vida lá no final do final do final da periferia; e é criticado por todo mundo que está em volta disso. Se as pessoas quisessem sair dessa situação, elas sairiam. Esse casal, daqui a um tempo, em pouco tempo, eles se tornarão classe-média, eles sairão de lá; eles já trocaram de casa – eles moravam “aqui”, agora eles estão “ali”; agora, já não será tão fácil ver como que eles estão fazendo o comércio deles; eles trocaram de casa por causa disso, para que não fique tão aparente que eles estão trabalhando, para que não se critique tanto. Daqui a um tempo – e não é muito – os dois já vão sair disso e já estarão morando mais para cá, saindo dessa situação. E os demais, e o entorno? O entorno vai ficar criticando, reclamando, chorando, não é? E, se alguém vai lá e fala: “Olha, vocês não querem crescer?”, “Não; dinheiro não é tudo, não”. Você vê que dinheiro é um negócio fácil e difícil, ao mesmo tempo. Por que essas pessoas têm essa reação? O que é? Zona de conforto? Com certeza, não é? Dá trabalho ter que fazer alguma coisa, em vez de ficar sentado. E inveja. “Por que esses aí estão fazendo isso?” E imagina a situação: “E se esses dois ganharem e progredirem, como é que nós ficamos?” “Por que a gente não faz igual eles?” “Esse casal tira todo mundo que está em volta da zona de conforto; eles estão provocando uma conscientização dos parentes e de todo o entorno deles.” As críticas são “assim” (*muitas*). Como o casal já entendeu o processo que eu já tinha falado antes: “O próximo passo vai acontecer ‘assim, assim, assim’. Todo mundo ficará contra vocês. Se preparem para dar um passo à frente, para sair de lado”. E é o que eles farão; já deram o primeiro passo, já trocaram de casa; na próxima vez, eles vêm mais para cidade e, daqui a pouco, eles desaparecem das vistas daquela região. Eles somem, todo mundo que mora lá ficará tranquilo, não é? Volta “tudo como dantes no quartel de Abrantes”. “Aqueles dois problemas foram embora”, é o que o povo vai falar. “Deu tudo errado; devem estar

embaixo da ponte”...“Está vendo? Se tivessem ficado aqui, não tivessem feito o que fizeram, estariam aqui, igual, com a gente, estava tudo em paz”. É isso. Como é uma questão de dinheiro, não terá maiores problemas para esse casal; eles vão mudar de casa e sumir daquela região. Não contam mais nada para os parentes; os parentes não vão saber coisa alguma do progresso deles; volta tudo ao normal. E eles vão continuar a levar a vida deles, numa situação muito melhor. Isso porque é uma questão de dinheiro, porque eles mudaram, mudaram, mudaram.

Agora, no caso de um avatar, ele não tem essa alternativa, porque ele tem de trazer a mensagem outra vez, e outra vez, e outra vez e outra vez. Ele não vai se mudar para lugar nenhum; ele tem de trazer a mensagem. Como se faz para esse avatar desaparecer das nossas vistas, porque ele incomoda? Os dois estão incomodando toda a região, o bairro inteiro. O avatar não tem como desaparecer, porque ele não vai trocar de casa, nem vai trocar de lugar nenhum; ele tem de trazer a mensagem. Você já conhece Martin Luther King, Mandela, Mahatma Gandhi etc., não é? Por querer tirar da visão da consciência pessoas como essas que provocam um “salto”, como esse casal está provocando um “salto” qualitativo na vida deles, e na região, com todo mundo, porque ninguém admite que os dois estão trabalhando e ganhando dinheiro? É complicado. Como é que você pega aquele bairro inteiro e faz com progrida, se todos reagem dessa maneira? O que seria o correto? Eles estão vendo que os dois progridem; chegariam para os dois e falaria: “Gente, conta para nó o que está acontecendo. Por que sua vida tomou esse impulso e vocês estão ganhando dinheiro e tudo está melhorando? O que aconteceu? Você foi a alguma escola, você leu um livro? O que mudou na sua cabeça, para começar a ganhar dinheiro?” Se fizessem isso, os dois contariam: “Pois é, descobrimos que tem uma metodologia chamada ‘Ressonância Harmônica’. “Estamos fazendo um trabalho e assim nós passamos a progredir”; e poderiam levar toda a Ressonância para esse bairro inteiro, lá no final da periferia. No final da periferia, como ninguém pergunta, como ninguém quer saber e como ninguém está criticando, eles não vão saber. Vão ficar sem a Ressonância até que, por outros meios, outras formas, acabem descobrindo. Mas a oportunidade “está na mão”; esse casal está lá dentro dessa região, progredindo; era só alguém se dispor a perguntar para eles “O que está acontecendo, que vocês progridem?” Pois é; mas qual é a reação das pessoas? “Dinheiro não é tudo, não”. São contra o progresso, contra evoluir, contra crescer. Por isso que, no planeta, nós temos mais de um bilhão de pessoas vivendo com US\$1 por dia.

**Mabel:** Tem pessoas que, não importa quanto ganhem, sempre gastam mais do que entra. Comente um pouco sobre essa atitude. Isso não é uma atitude suicida, como daquelas pessoas que comem demais ou bebem demais, e sabem que isso não é correto?

**Prof. Hélio:** É.

**Mabel:** Isso é uma atitude suicida? E isso tem repercussão espiritual? Porque, aqui, nós já sabemos que tem repercussão, o fato de você gastar mais do que ganha; mas, e espiritualmente?

**Prof. Hélio:** Esse “gastar mais do que se ganha” é, nitidamente, uma autossabotagem. A pessoa, por alguma razão, ganha dinheiro – nasceu na classe média alta, teve uma melhor educação, o pai já tinha dinheiro – seja lá a variável que for dentro do sistema e está sendo beneficiada por ganhar mais. Não é o que ela faz para não ganhar, já que ela ganha por outras variáveis; ela gasta. Ela vai dilapidando seu patrimônio até ficar sem nada. Na prática, acaba levando uma vida que seria como se não tivesse, ou pior, vai gastar demais e se endividar. Vai voltar num nível inferior. No fundo, se você vasculhar, verá essas mesmas questões filosóficas contra o progresso, contra a realização, contra o crescimento. E gastar a mais é extremamente eficiente para destruir todas as possibilidades de progredir. Lá no fundo, tem uma zona de conforto enorme atrás dessa história. Por quê? Porque, se a pessoa não gastar, ela cresce; e crescimento traz crescimento, ela cresce mais, e isso agrega mais – dinheiro traz dinheiro, como se fala – a pessoa cresce mais. E a maioria não quer crescimento; quando eles falam “Não; eu quero crescimento”, na prática ele está dizendo o seguinte: “Eu quero um crescimento ‘desse tamanho assim’, ‘desse tamanho’”, certo? O crescimento, na prática, significa um carro ou dois carros, uma casa, uma casa na praia, chega, está bom, só isso; assim que consegue atingir esse patamar, o que a pessoa quer ela faz “assim” (*sobe um pouquinho*), ela quer um negócio “assim”, estável, estabilidade, zona de conforto, que fique assim o resto da eternidade. Só que isso não existe no Universo; é impossível isso; isto não existe. Quando você faz “assim” (*sobe um pouquinho*), o normal é fazer “isso” (*subir mais um degrau*) e depois “isso” (*subir mais um*) e “isso” (*subir mais um*) e “isso” (*subir mais um*), e vai embora; é crescimento contínuo. As galáxias se afastam, tem galáxias que se afastam há duzentos e cinquenta mil quilômetros por segundo; no Universo inteiro é frenética, a movimentação, tanto no micro quanto no macro. Não existe essa coisa de ficar parado, de estabilidade. A maioria quer um negócio desse tipo, cresce um pouco e... Agora, aquele que já veio aqui e já chegou, abriu o olho e já tem esse patamar – porque o pai, avô, tataravô, criou – ele não quer fazer “isso aqui” (*subir*) de jeito nenhum; ele quer ficar “aqui” (*estável*). E é difícil de ficar “aqui” (*estável*), porque, se o patrimônio é grande, dinheiro gera dinheiro. Ele faz “isso” (*sobe*), forçosamente; entra dinheiro no banco sem parar, de juro, de renda. O único jeito é gastar; porque gasta bastante, ele volta “para cá” (*para baixo*); e entra mais dinheiro, porque é difícil dilapidar certas fortunas.

Espiritualmente, isso é catastrófico; por quê? Já falamos, não existe diferença nenhuma entre lado material, lado espiritual, dinheiro, nada; é tudo uma coisa só. Por que você tem os recursos? Para crescer em todas as áreas, inclusive na “espiritualidade”, isto é, fazer o bem aos irmãos, quanto mais dinheiro você tem, melhor para os irmãos. Se você perde, estraga, dilapida o dinheiro que tem, você perde a oportunidade de fazer o bem em maior escala. Se você não faz o bem, o que você faz? É o contrário, certo? Não fazer o bem – isso é uma omissão – você está privilegiando o lado negativo; porque você deveria fazer “tal” coisa que “tal” coisa que “tal” coisa, que vai propiciar que, lá na frente, você vai poder fazer o bem para  $n$  pessoas; você não faz isso, e todas essas pessoas não terão esse benefício. Traduzindo: você está trabalhando para que lado? Para o lado do bem ou do lado do mal, para os negativos que se opõem ao amor? Gastar além do que se ganha é fazer uma “sutil” opção pelo lado negativo; porque o dever de toda criatura é crescer, crescer, crescer e crescer, sem parar. Isso é o normal, isso é o que ela foi projetada para fazer. Se ela não fizer nada, ela cresce; a criatura, se não fizer coisa alguma, ela evolui, porque ela ganha informação o tempo inteiro; ela não tem como não evoluir. Para não evoluir, a pessoa tem de “puxar o freio”. Agora, “puxar o freio”, como não existe “muro” no Universo – ou você está de um lado ou você está do outro; em cima, não tem como ficar – se você não vai para “cá” (*direita*), você vai para “cá” (*esquerda*). As consequências espirituais serão funestas, com certeza absoluta, porque ninguém pode ir contra todo o projeto Divino.

**Mabel:** Na teoria financeira, existem umas regrinhas de ouro. Eu gostaria que você comentasse isso à luz do que nós estamos falando hoje. Ganhar, a primeira; segundo, gastar menos do que ganha; terceiro, poupar; quarto, investir. Essa é a regra para se crescer financeiramente. Tem algum comentário a respeito de poupar e investir?

**Prof. Hélio:** Antes disso, me veio agora, que houve, há um mês, vinte dias ou trinta dias atrás, se não me engano, na Suíça, um tipo de plebiscito. Perguntaram ao povo se queria trabalhar menos, e o povo respondeu que não, mas querem continuar trabalhando. Perguntaram: “Diminuir o horário de trabalho?” e, maciçamente, o povo suíço respondeu “Não; nós queremos trabalhar.” Aí, você compara a Suíça com o resto da Europa, que está naquela crise terrível, com seus feriados e feriados. Um tem prosperidade e quer trabalhar; toda aquela riqueza e eles querem continuar trabalhando; quer dizer, eles já entenderam como funciona o Universo: se eu continuar trabalhando, eu mantenho a minha prosperidade, tudo melhora para mim, cada vez mais; quanto menos eu trabalhar, tudo piora. Pois é. Mas, como se fala, essa “ficha” é difícil “cair”, porque muitas pessoas, elas querem ganhar,

ganhar, ganhar, até um ponto, para parar de fazer, para não fazer mais nada. Agora, você imagina, como é que a pessoa pode ganhar dinheiro com esse tipo de raciocínio em que, no fundo, está à rejeição ao trabalho, a rejeição ao crescimento; fica difícil de ganhar.

Essas regras que você citou são a coisa mais óbvia possível. Você ganha \$100, no máximo gasta \$90, poupa \$10; esses \$10, poupados durante um tempo, gerarão um montante que dá para você aplicar; e isso gera renda. O dinheiro passa a gerar dinheiro; não do seu trabalho. Você não ganha dinheiro com o trabalho; isso é no começo. Você trabalha, poupa, capitaliza. Essa é outra questão interessante, porque até hoje se diz que nós vivemos num regime capitalista, mas é pura ficção, isso é pura propaganda. Isso não é real; porque, no capitalismo, o que se faz? Capitaliza-se. No capitalismo, o ideal das pessoas, em termos econômicos, é guardar dinheiro, capitalizar-se; porque, quando você ficou capitalizado, o próprio dinheiro rende mais dinheiro; capital gera capital. Não vai mais trabalhar para poder juntar; você já ganha dinheiro através do dinheiro que você já capitalizou. Isso foi o que aconteceu nos séculos XVIII, XIX. Por que se chegou nesse tremendo domínio financeiro norte-americano e inglês no mundo? Porque eles fizeram isso. No início, só guardaram, guardaram, guardaram, guardaram. É o que acontece na Alemanha, hoje; os alemães poupam, poupam e poupam e poupam; têm de fazer campanha para que eles gastem alguma coisa, porque a índole deles é poupar. O povo entendeu: “Se eu capitalizar, amanhã eu sou independente.” Que a pessoa está procurando? A independência dela; elevadíssima autoestima, não é? “Eu ficarei independente. Daí, eu posso crescer mais.” Na Alemanha... Existe a Alemanha aqui (*em cima*) e o resto da Europa aqui (*mais abaixo*) e a periferia da Europa aqui embaixo. E está se discutindo se a Alemanha deve sair do Euro ou não. Vai ter um “Euro2”; como é que vai ficar? Porque é tão, é tão distante, uma realidade da outra, que não tem como juntar num bloco único, como o que existe agora; cria terríveis problemas e tensões econômicas e fiscais. Existe a Alemanha aqui em cima e os demais aqui embaixo e, é claro, a poupança dos alemães está financiando todo mundo da periferia da Europa. Tem mais um plano para salvar, lá, a dívida “X”; quem que põe? Os alemães. Mais um pacote para salvar que estourou tudo de novo, outro lugar; quem que põe? E assim vai. Mas só que isso também tem um limite. Como é que eles vão carregar todo mundo nas costas? Começam as tensões políticas porque, é lógico, os alemães criticam os outros, os periféricos; eles falam: “Vocês deveriam trabalhar”. Há uma polêmica total, no momento – imagine, esse tipo de colocação gera reações complicadas, porque “Mas, como, nós estamos trabalhando”, não é? Só que o nível de conscientização é totalmente diferente; um só poupa e o outro gasta, e não só gasta como se endivida, vertiginosamente. Que situação é essa que temos na Europa hoje, essa “bolha” ainda em andamento?

É óbvio que você ganha, poupa, acumula; isso gera renda por si só, e você reinveste; então, ganha mais; aí reinveste, ganha mais; e assim sucessivamente. E, num instante, daqui a pouco, você está independente. É o que o casal está fazendo, esse casal de jovens; eles começaram a vender, a fazer comércio, e ganharam, trocaram de casa; agora vão começar a poupar novamente, para dar o próximo passo; só que, cada vez, o patamar em que eles estão é superior, entendeu? Vai chegar uma hora que eles não precisam mais usar a poupança; eles podem só capitalizar, que o saldo será muito; e, você pode ter certeza, esse casal não para nunca mais de fazer isso. Não é que eles vão chegar num patamar e cairão na zona de conforto; não caem, porque, para eles saírem de onde eles estavam, eles mostraram que têm uma consciência de prosperidade muito forte. Porque, para enfrentar todo o entorno familiar e vizinhos, etc., precisa ter força, porque a crítica... Você fica sozinho; literalmente. Hoje, os dois, não têm ninguém com quem conversar onde eles estão, porque todo mundo é contra o que eles estão fazendo, que é progredir. É fatal, não é? Como sempre; o crescimento é um processo mais ou menos solitário. À medida que você sobe, vai tendo menos pessoas; é inevitável, porque a maioria quer ficar aqui embaixo. Você vai subindo, subindo, subindo, tem pouca gente, vai rareando. Fazer o que? Ficar na mesma situação que está? Não; isso, para eles, é totalmente inaceitável. E agora que estão na dinâmica da Ressonância, muito menos, não é? A fórmula é essa, mesmo: poupar e reinvestir.

**Mabel:** Como a crise econômica mundial pode nos atingir e como podemos fazer para escapar dela? Fala um pouco sobre como isso aconteceu.

**Prof. Hélio:** Olha, durante vinte e cinco anos, houve a criação de uma “bolha”. As pessoas pensam que “bolha” é crescimento. “Bolha” é um negócio artificial; incha-se com dívidas. Aparentemente há crescimento – a pessoa tem mais carros, mais casas, mais todas as coisas materiais; isso dá uma ideia de que a pessoa está crescendo, mas não é real; ela está se endividando. Na Espanha, por exemplo, construía-se uma quantidade tão absurda de prédios de apartamentos que algumas pessoas começaram a questionar aquela política: “Mas quem que vai morar nesses apartamentos? Quem comprará tudo isso?”. Imaginem o país inteiro, freneticamente, levantando apartamentos. E o que se dizia naquela época, há dez anos? “ Não, não se preocupem. O mundo inteiro virá morar na Espanha.” Todos os ingleses sairão da Inglaterra e vão para Espanha, e os belgas, e os alemães, e os polacos e os franceses e todo o mundo morará na Espanha. De fato, tem muita gente desses países morando na Espanha, mas “muita gente” é um termo relativo. Achou-se que porque “X” pessoas de “tal” país passaram a morar na Espanha, que aquilo seria um crescimento linear infinito. Bastava



levantar prédios que não teria fim a demanda por os prédios. Depois de alguns anos, estica-se a capacidade de endividamento assim: você tira dinheiro de um banco e chega a hora que tem de pagar esse banco; então, você tira dinheiro do banco 2 para pagar o 1, e paga o 2; daí, você não consegue mais pagar nem o 1 nem o 2. Você tira do 3, paga o 1, 2 e 3; depois, tira do 4, que paga... e assim vai. Entra tudo nesse “bolo”, e mais os quinze cartões de crédito que a maioria tem, e assim vai. Só que isso é limitado; tem um negócio que chama “capacidade de endividamento” ou “limite de crédito”; os bancos, mesmo que esse sistema não esteja integrado, de um jeito ou de outro começam a avaliar a sua capacidade de pagar; começam os atrasos, porque você já não consegue tirar de um banco e pagar oito bancos; mas atrasou aqui, atrasou ali, e isso “levanta uma poeira”... Daqui a pouco, esse aqui corta o crédito, o outro corta, o outro corta. Quando isso é feito em cima de uma pessoa, num país, não é nada; uma meia-dúzia, não é nada. Mas se você tem milhões de pessoas ou, praticamente, o país todo, fazendo isso, chega uma hora que o país todo não tem mais como girar a dívida, e não tem mais de onde tomar recursos; mas isso são praticamente todos os habitantes economicamente ativos. Tudo para, e a “bolha” que veio crescendo passa a diminuir, isto é, são vendidos cada vez mais apartamentos. Levantam-se mais prédios e vende-se tudo... Hoje vale \$30, amanhã vale \$60, depois vale \$120, depois o sujeito já compara um apartamento porque daqui a três meses já subiu 30%, ele vende, compra um mais caro ainda, que daqui a três meses ele vai revender e vai comprar um outro mais caro. Isso é, nominalmente, o patrimônio dele está subindo, porque, antes, ele tinha um apartamento de \$100, agora é \$150, agora \$220, agora é \$380. Estamos assistindo, aqui no Brasil, a mesma coisa, igualzinho. Na prática, o dinheiro não existe. Quanto vale seu apartamento agora?” \$ 400 mil. “E amanhã?” \$48. “E depois de amanhã?”; mas o dinheiro de fato não existe isso. O que acontece? Quando essa capacidade de endividar-se chega no limite, que você já não salda mais nada, e aí? A “bolha” faz “assim” (*estoura*). Quanto vale o apartamento agora? Que está acontecendo aqui, porque o preço começar cair. Os apartamentos, na Espanha, já valem menos 30%, 40%; 40% a menos; daqui a pouco é metade. Você comprou por \$200 e agora, vale quanto? Ah, agora vale \$150, \$140. O valor real, o valor – sabe?, valor de mercado – quanto você acha que vale o seu carro, um fusca 66? Você acha que vale R\$150 mil? Tenta vender; vem um e fala assim “Eu dou R\$2.000,00”. Quanto que vale o carro? R\$2.000,00, valor de mercado; se ninguém pagar, não vale; vale o que pagam. O que aconteceu com os apartamentos? Agora, eles valem menos do que o sujeito pagou, e não tem ninguém para comprar, porque todos estão endividados. De onde que vai tirar crédito para comprar o apartamento? É preciso estabilidade. Um milhão, por aí, de mil apartamentos fechados, novos, prontos, sem vender, na Espanha. Quer dizer, imagine, em um país do tamanho do estado de São Paulo milhões de apartamentos novinhos sem ter para quem vender, porque não tem crédito – o outro lado dessa moeda. Se todo mundo está

endividado, não têm mais crédito; mas esse “todo mundo” é o país inteiro. *OK*. O Banco Central emite o dinheiro e empresta para os bancos, para que estes abasteçam o mercado de crédito. Só que o banco faz o seguinte: “Se está todo mundo endividado, o risco desse povo não me pagar é alto; portanto, não vou emprestar para ninguém. Eu pego o dinheiro que o Banco Central me emprestou e redepósito no Banco Central”. A última vez que eu vi isso, estava, já em €821 bilhões o depósito dos bancos no Banco Central. Quer dizer, o dinheiro que o Banco Central emite e vem para cá e volta pro Banco Central. Claro que fizeram críticas a esse tipo de coisa; o Banco Central falou “Não; mas, calma, não são os mesmos bancos que tomaram que estão pondo dinheiro aqui.” Ora, no “frigor dos ovos”, dá na mesma, porque esse dinheiro... de onde está surgindo tanto “ovo na galinha”? Emprestou-se, teve um dia que o Banco Central pôs no mercado €520 bilhões e, nesse mesmo dia, se não me engano, €480 bilhões estavam depositados no Banco Central; é quase a mesma coisa. Passadas mais uma ou duas ou três semanas, o valor já estava em €821 bilhões. Quer dizer, o dinheiro existe, é emitido; mas está lá “aplicado” no Banco Central e não tem crédito para ninguém. Porque, qual que é a lógica do sistema? Se você não tem crédito, não tem mais empréstimo; e, se você não tem empréstimo, você não tem capital para fazer a empresa produzir.

Criou-se um círculo vicioso; a Europa inteira está nessa situação. Literalmente, dentro do paradigma vigente, não tem saída para isso. Por mais dinheiro que se fabrique, o dinheiro volta, imediatamente, para dentro do Banco Central, porque a regra do sistema diz: “Se você está endividado, não pode ter crédito.” Não se empresta mais nada para ninguém; como dizem lá na Espanha, agora que as pequenas e médias empresas estão “estranguladas”. Não crescem porque não têm recursos nem crédito, e os bancos não emprestam para ninguém. No caso espanhol, não se tem a menor perspectiva de sair dessa situação. É claro que falam assim: “E o governo?” “Não, daqui a dois, três anos se resolverá a coisa e tal”. Conversa; os economistas sabem que nem em mais de dez, vinte anos, uma geração ou duas, ou sabe-se lá, isso será resolvido. Na Segunda Guerra Mundial, em 1929, na crise em que as ações despencaram, elas só voltaram ao nível de 1929 em 1954. Ou seja, só vinte e cinco anos depois a cotação voltou ao nível de 1929, e isso porque aconteceu a Segunda Guerra Mundial no meio da história, que provocou a produção, em massa, de equipamento bélico e ativou a economia no mundo inteiro. E só voltou em 1954 porque houve essa Guerra Mundial. Não vai ter nenhuma Guerra Mundial pela frente; portanto, a coisa é extremamente complicada. Ou se troca o paradigma, o sistema de crenças do mercado financeiro, econômico, terrestre, ou simplesmente não existe saída. No momento, entra ano, sai ano – e isso começou em 2007, 2008; já estamos em 2012. Já foram cinco anos. Houve eleições em novembro passado, e o partido que estava no poder perdeu – é lógico – entrando a “oposição”. Então, a oposição está fazendo ajustes, isto é, “aperta, aperta e aperta” para

gerar o “tal” do superávit fiscal que a comunidade econômica quer, virtual e literalmente impossível de ser cumprido. Se cumprissem aquilo a que se propuseram, o que se exige, “quebra” o país inteiro. O país “quebraria”. Quando “quebra” um país, há revolução, guerras internas etc. Destrói-se o país. E isso tudo está baseado em cálculos dos economistas. Esse valor significa os 3% que querem de superávit – impossível! Um finge de um lado, outro finge do outro... Um diz: “Está cinco pontos não sei o quê”. “Não, não, vamos tentar o 4.8”. “Não, não; não pode ser; tem de ser o 3”, e assim vai. Por enquanto, há um fingimento generalizado; uns fingem que exigem um ajuste brutal, enquanto o outro lado fala: “Faremos um reajuste brutal”. E todo mundo sabe que não tem como fazer nenhum reajuste desse patamar; quer dizer, o endividamento continuará. Mas por quanto tempo?

No nosso caso, o problema é o mesmo; não há crescimento real. O que é o crescimento real? A pessoa está num nível de renda “X” e ela sobe, ela ganha mais e ela, socialmente, ela ascende um patamar superior, e vai acontecendo isso; “tantas” pessoas migram de uma classe para outra, que essas (*da anterior*) migram para cá (*para a próxima*), e assim sucessivamente. Eu pergunto: vocês veem isso acontecer, no Brasil? Você sente isso à sua volta, entre os seus conhecidos, os seus parentes, todo mundo com quem você convive, aqui “no chão”, no “sujeito da rua”, como se fala nos Estados Unidos? Você não sente isso. Se você está no comércio, se você tem contato com comerciantes, taxistas, empresários, todo tipo de profissões, como eu tenho, isso num número grande, você tem uma amostragem estatística perfeita da situação do país; não existe isso; é totalmente estratificado, isto é, paralisado. Quem está na classe “X” continua na classe “X”; quem está na “Y” continua na “Y”, e assim sucessivamente. E, você sabe, no Brasil, a concentração de renda é das piores do mundo, quer dizer, a pior situação de concentração de renda; a renda está, literalmente, na mão de meia-dúzia de pessoas. Não há movimento nenhum, social. O fato de as pessoas poderem ir a uma loja de departamentos e comprar televisão, DVD, essa parafernália toda, não significa crescimento nenhum; significa endividamento. Como se diz agora, as classes “C” e “D” estão tendo acesso a crédito. Vai lá! Podem comprar à vontade. Pagar é outra situação. Esse tipo de política, mais cedo ou mais tarde, levará a situações explosivas. Porque os guetos ficarão cada vez mais fortificados, digamos assim, a periferia se expande sem parar. Há uma ilha de prosperidade, se olhar de cima de um avião, verá no entorno um oceano, um mar, que não acaba mais; de quê? De miséria. E meia-dúzia... Por mais que se tenha, vamos dizer, controle social, seria possível sustentar todas as pessoas inativas? Um problema mantém isso indefinidamente. Por exemplo, na Espanha, hoje há dezessete milhões de pessoas trabalhando; esses dezessete milhões não geram renda para sustentar todos os aposentados que já existem na Espanha. Esse nível de desemprego que tem hoje – 22%, se não me engano, 5 milhões e 200 mil pessoas, e crescendo – é impossível. Eles estão

empobrecendo; teoricamente, 40% dos espanhóis passarão da classe-média para classe pobre, dentro de alguns anos, poucos anos; 40% do país vão migrar para pobreza. Mas só que é 40%, veja bem, de um país de Primeiro Mundo, um país com acesso à cultura, à economia de livre mercado etc. Não é tão simples quanto parece jogar 40% do país na pobreza; isso terá consequências. No caso da Espanha, o rei fez uma reunião econômica: chamou todos os banqueiros reunidos à mesma mesa e falou: “Vocês têm de resolver esse problema”. A coisa já cresceu tanto no nível de consciência que, para o próprio rei ter de fazer uma reunião – não mais o ministro da Fazenda, mas rei mesmo – dizendo: “Nós estamos à beira do precipício; o que vocês farão? Vão continuar colocando todo o dinheiro no guardado no Banco Central?” Depois do rei, você fala com quem? O rei é tudo; o rei vai ter de tomar medidas. Esse “esticar da corda”, como está acontecendo lá, vai ter limite, e não é tão extenso assim. Antes que haja é preciso mudar o paradigma.

Aqui, nós temos uma situação parecida. Essa pobreza contínua, que gera tanta insegurança e todo esse entorna de criminalidade, de drogas e tudo o mais... Por quanto tempo isso pode ser estendido? Na prática, pessoas com recursos também estão pagando um preço. Aparentemente, Não: “Tenho um carro blindado, eu estou imune a essa problemática toda”, mas não é bem assim; você pode ter carro blindado!” Mas ao sair do carro, passa a ter problemas... Por exemplo, um rapaz que estuda numa escola em São Paulo tem seis guarda-costas. Deve ter uns 16 anos e já anda com guarda-costas. Vamos ter um país ou meio país de guarda-costas? Cai naquela situação das telefonistas norte-americanas. Nessa época -- anos 1930, 1940, 1950 -- a demanda por telefonia, nos Estados Unidos, era tanta que chegaria ao ponto de metade do país precisar ser telefonista: metade dos trabalhadores do país seriam telefonistas, de tanto telefonemas que recebiam. Criou-se a central automática e agora, praticamente, não existem telefonistas. No caso da “indústria de segurança”, bilionária, o dono de uma grande construtora tinha 250 guarda-costas da família, para ele, a mulher, o filho, o cunhado, a sogra...Trabalhavam para uma família. Esse garoto tem 6; e isso é uma “bolha” que está em volta dele, certo?, onde ele vai; ele não pode fazer nada sem os seis guarda-costas em volta. Existem os guetos dos apartamentos de milhões e milhões e milhões, onde ninguém sai do gueto. Tudo é ali dentro; daqui a pouco, só falta o cemitério dentro do gueto. Hospital, escola, *shopping center*, tudo está dentro daquele conjunto; só falta o quê? Um cemitério, porque a pessoa nasce, vive e morre dentro do gueto. Está cansado dos filmes de ficção “futuristas”? Pois é. Em nosso caso, caminhamos para uma situação desse tipo. Todos esses condomínios de alto padrão, tecnicamente, são guetos. Cada um, com a sua vida particular; um deles tem quatrocentos guardas armados, com ordem de atirar para matar! Lógico que ninguém vai comentar um negócio desse. Essa notícia saiu no exterior,

certo? – mas todo o perímetro do condomínio é guardado com guardas com ordem para atirar, para matar qualquer pessoa que chegue perto. Essa é a realidade que está se construindo no mundo inteiro.

Por quanto tempo isso se estenderá? Não por muito tempo. A mudança de frequência que acontece no planeta inteiro fará com que essa situação tenha de mudar. É o que estou dizendo: não tem jeito de consertar, de “dar um jeitinho”, por exemplo, na Espanha, na Grécia, e assim por diante; não tem “mágica” dentro do sistema atual que resolva essa situação. Bom, só que um país desse porte não pode “quebrar”. Se ele “quebrar”, arrastará todo o resto junto. Ele é “inquebrável”; faz o quê? Emite dinheiro e põe nos bancos, depois o banco pega e repõe no Banco Central? Até onde essa “corda” pode ser “esticada”? Não se pode mexer no paradigma. Tudo está entrelaçado. Essa visão de mundo material/mundo espiritual que gerou esse tipo de situação econômica no planeta. A base de tudo isso é este paradigma “religioso” – essa visão de que “Eu estou aqui e a Divindade está lá fora e cada um na sua; não existe unidade, não existe unificação, não existe nada” Portanto, “problema do outro”. Essa filosofia está na base de todo o sistema financeiro, econômico, político e social. Como é impossível persistir, ao longo do tempo, ano é decisivo. As mudanças já estão acontecendo, porque a mudança da frequência já aconteceu. A frequência que chega até o planeta, a informação que chega até o planeta, já mudou. As pessoas esperavam a mudança do dia 21 de dezembro de 2012. Não sabem que “o trem já saiu da estação” e está ganhando velocidade, sem parar. Pensam que “o trem” está parado... Para ver o tamanho da problemática de percepção. Quem parasse para olhar as notícias, veria o que está acontecendo no planeta, que algo muito forte e poderoso aconteceu e está acontecendo. Já aconteceu, e não foi em 21 de dezembro. Não vai acabar em 2012. A frequência vai continuar atuando em 2013, 2014, 2015... e assim vai. Não há retorno ao mundo antigo.

**Mabel:** Encerramos aqui a entrevista de hoje. Eu gostaria das suas últimas palavras. Está havendo uma mudança de frequência no planeta todo, está chegando maciçamente; e a Ressonância Harmônica, qual o papel dela em nos trazer mais prosperidade, tanto para pessoas, cidadãos comuns, mas para as empresas também? Como é que isso acontece e como é tirar oportunidades dessa ferramenta? Como é que nós podemos utilizá-la da melhor maneira?

**Prof. Hélio:** Vemos, pelos nossos clientes, os que não impedem a propagação da frequência em si mesmos eles progredem imediatamente Não existe limite de crescimento. A Ressonância tem o potencial de fazer todas as pessoas crescerem, todas as pessoas ganharem dinheiro, todas as empresas progredirem. Evidentemente, uma pessoa fez a seguinte pergunta: “Se todo mundo ganhar dinheiro, como é que vai ficar?”. Existe um raciocínio de escassez de recursos: se um, dois, três, cinco, dez

peças progredirem, chegará uma hora em que faltarão recursos para todos. Esse é o modo de raciocinar pelo paradigma materialista. A riqueza não é criada pelo trabalho manual, mas pela mente. Um exemplo de hoje: o faturamento de uma enorme multinacional japonesa de não sei quantos por cento de faturamento -- vamos dizer, 50% -- daqui a dez anos não existirá. Os produtos que geram os 50% de faturamento daquela empresa ainda não estão no mercado, ou ainda não existem e estão sendo criados, ou estão nos laboratórios. É tal a dinâmica interna dessa empresa que ela cria, literalmente, produtos “do nada”, da mente do cientista, do engenheiro, do técnico; eles vão criando produtos e lançando no mercado. Essa riqueza aparece “do nada” continuamente. A tecnologia poderia resolver todos os problemas mundiais: o da falta de abundância de recursos para os habitantes do planeta – comida, casa, remédio, hospital; tudo para todos – no nível totalmente de uma vida humana decente para todos os sete bilhões de habitantes. Não existe escassez de recursos. Ao se divulgar um orçamento militar e se encontrar ali uma verba, \$20 bilhões para não sei o quê, \$30 bilhões para não sei o quê, diz-se: “Com esses \$20 bilhões, dá para resolver todo o problema educacional, habitacional ou alimentar de um continente inteiro”, e assim por diante. Os recursos existem. Não há impedimento para que as pessoas cresçam. Todas crescem, todas ganham, tanto as empresas como o planeta inteiro. Os recursos virão do Vácuo Quântico – produtos, invenções, tudo mudará – até haver otimização e aperfeiçoamento. Esse tipo de raciocínio é linear. Não é assim que funciona; a inovação é contínua, do dia para noite – tinha válvula; no dia seguinte não tem mais válvula, porque agora tem transistor; o “salto”... E isso em relação a tudo; só não acontece se algum interesse impedir. As possibilidades da Ressonância são, literalmente, infinitas. Com o passar dos anos, à medida que ela for sendo conhecida, mais e mais pessoas a utilizarão, e isso vai gerar uma expansão, uma massa crítica, até que o planeta inteiro conheça e use a Ressonância. Isso não é uma utopia. Existem planetas em que todos os habitantes usam a Ressonância. O sistema educacional é baseado no uso da Ressonância; transfere-se todo o conhecimento para criança e se geram jovens cientistas com todo o conhecimento de que precisam. Nenhum habitante tem prevenção nenhuma, nem preconceito, nem questionamento nem nada. É só mais uma ferramenta de aprendizado que acelera, que exponencia a aprendizagem; não existem maiores resistências ao processo. Aqui na Terra, vai acontecer a mesma coisa. Vai demorar, mas é inevitável. Esse é o método educacional universal; não existe nada mais poderoso do que ele. Lá adiante tudo estará resolvido. Trabalhamos para que aconteça o quanto antes.

**Mabel:** Muito obrigada. Até a próxima. Como vocês viram, hoje tivemos informações preciosas a respeito da prosperidade material, do dinheiro e de como fazer bom uso dele, além de dicas sobre

mudança de paradigma e uma série de outras variáveis. Que tudo seja muito útil para vocês, provocando transformações nesse setor. Até a próxima.

Professor Hélio Couto, palestrante, escritor, comunicador de rádio, terapeuta e consultor.

Endereço Eletrônico: <http://www.heliocouto.com/> - <http://heliocouto.blogspot.com.br/>

Dra. Mabel Cristina Dias, médica com especialização em dermatologia e acupuntura.